

março



Dia  
Internacional  
da Mulher

[www.uff.br/maishumana](http://www.uff.br/maishumana)

revista  
**maishumana**

Entre avanços  
e recuos, as mulheres  
consolidam  
as suas conquistas  
e enfrentam antigas  
desigualdades



 Dia  
Internacional  
da Mulher

[www.uff.br/maishumana](http://www.uff.br/maishumana)  
n.º 3 | março de 2008

# Sumário



Foto: A. C. Costa / Agência Imagética

**ENTREVISTA** **04**  
 Sueli Gomes: as mulheres hoje

**EDUCAÇÃO** **07**  
 Pré-universitário para afrodescentes

**CULTURA** **08**  
 Cenas de Cinema

**CIDADANIA** **10**  
 Projeto estimula participação de idosos

**ARQUITETURA** **12**  
 Arte e preservação nas salinas

**CRIANÇA E ADOLESCENTE** **15**  
 Mais uma etapa na Formação de Agentes

**COLONAS** **11 e 14**

## O Dia Internacional da Mulher e os Direitos Humanos

Esta edição da Revista MaisHumana, além da apresentação de projetos e pesquisa, procura fazer uma homenagem à Mulher. O debate sobre as questões de gênero e as questões referentes aos direitos humanos em nosso país, como de forma geral em todo o mundo, soe plural, condição essencial para uma democrática interlocução.

Em termos históricos, o Dia Internacional da Mulher foi instituído em 1911. A escolha do 8 de março visou marcar o episódio em que 129 mulheres morreram queimadas em uma fábrica em Nova York, em 8 de março de 1857, por reivindicarem direitos a proteção social como licença maternidade, redução da jornada de trabalho e salários iguais aos dos homens. Com esta baliza, este dia não se restringe ao âmbito festivo, mas, principalmente, pauta-se como dia de luta e de reflexão.

Ao lado de diversas conquistas obtidas por mulheres nas últimas décadas convive-se com as mais variadas formas de violência – sexual, física e psicológica/emocional –, com diversas situações discriminatórias e de exploração.

As situações que envolvem a violência contra a mulher, principalmente a violência doméstica, são carregadas de representações que, em muitos casos, colaboram para a manutenção do silêncio e banalização da violência. Entretanto, estas situações também provocam indignação e repúdio, que geram tanto denúncias dos casos existentes quanto procura de ajuda. Grande parte dos estudos e pesquisas no Brasil resalta a gravidade da questão da violência contra a mulher, que independe de classe social, de credos religiosos, de etnias (ver: Marcadas a Ferro – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005, 269p.).

A pesquisa Nacional “A mulher brasileira nos espaços público e privado”, de 2001 (realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo), revela que “a cada quatro segundos uma mulher é espancada por um homem no Brasil. Um terço das mulheres (33%) admite já ter sido vítima, em algum momento de sua vida, de alguma forma de violência física (24%, de ameaças com armas ao cercameento do direito de ir e vir, 22% de agressões e 13% de estu-

pro conjugal ou abuso). 16% relatam casos de violência física, 2% citam violência psíquica e 1% assédio sexual; 20% declaram ter sofrido agressão física mais branda – tapas e empurrões; 18% a violência psíquica de singameentos, com ofensa à conduta moral. 12% declaram ter sofrido a ameaça de espancamento a si próprias e aos filhos e também 12% já viveram a violência psíquica do desespero e desqualificação constantes ao seu trabalho, dentro ou fora de casa. Espancamento com cortes, marcas ou fraturas já ocorreram a 11% das mulheres, mesma taxa de ocorrência de relações sexuais forçadas (em sua maioria, o estupro conjugal), de assédios sexuais (10% dos quais envolvendo abuso de poder), e críticas sistemáticas à atuação como mãe (18%, considerando-se apenas as mulheres que têm ou tiveram filhos); 9% das mulheres já ficaram trancadas em casa, impedidas de sair ou trabalhar; 8% já foram ameaçadas por armas de fogo e 6% sofreram abuso, forçadas a praticar sexo sem que não lhes agradavam. A projeção da taxa de espancamento (11%) para o universo investigado (61,5 milhões) indica que pelo menos 6,8 milhões, dentre as brasileiras vivas, já foram espancadas ao menos uma vez. Considerando-se que entre as que admittiram ter sido espancadas, 31% declaram que o último vez em que isso ocorreu foi no período dos 12 meses anteriores, projeta-se cerca de, no mínimo, 2,1 milhões de mulheres espancadas por ano no país (ou em 2001, não pôe não se sabe se estariam aumentando ou diminuindo), 175 mil/mês, 5,8 mil/dia, 243/hora ou 41/minuto a cada 15 segundos”.

Essa extensa e diversidade de abusos, nem sempre é fácil de serem detectados e de complexa resolução, pois ocorrem em espaços públicos e privados, onde se mantém algum vínculo de familiaridade e de reconhecimento. Tratar de direitos humanos é pensar sobre que sociedade estamos construindo e qual é nosso comprometimento com a consolidação da cidadania e para todos os seus membros.

Nivia Valença Barros

POUCO DESTAQUE TEVE NA IMPRENSA BRASILEIRA A MORTE DE BETTY FRIEDAN. EM CONTRASTE, NOS MESMOS DIAS DE FEVEREIRO, ALGUNS CASOS DE ABANDONO E ATÉ MORTE DE CRIANÇAS OCUPARAM GENEROSO ESPAÇO NA MÍDIA. SUELY GOMES COSTA COMENTA ESTAS QUESTÕES NESTA ENTREVISTA; FALA DA TRAJETÓRIA DE FRIEDAN E COMO ELA FOI VISTA PELA SOCIEDADE, BEM COMO DA RELAÇÃO DAS MULHERES E DO FEMINISMO COM A MÍDIA; DE REVINDICAÇÕES FEMININAS AINDA PENDENTES E DA DIVERSIDADE DOS VÁRIOS FEMINISMOS; DO PAPEL DO HOMEM NESSE PROCESSO; E DE COMO A MULHER VENDO SENDO AFETADA PELO NEOLIBERALISMO, ENTRE OUTRAS QUESTÕES DE GRANDE IMPORTÂNCIA E ATUALIDADE. SUELY GOMES COSTA É DOUTORA EM HISTÓRIA, PESQUISADORA DO CNPQ E PROFESSORA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL E EM HISTÓRIA DA UFF.



Inicialmente, Friedan esperava que a luta contra os preconceitos no trabalho tivesse apoio dos homens. Estes, porém, sentiram-se ameaçados pela igualdade de direitos, e de modo geral a rejeitaram. Como se dá, hoje, esta relação?

No momento de unificação de forças políticas suas lutas por direitos civis que explodiram nos EUA, Betty Friedan, nascida em 1921, é uma mulher madura e, talvez por isso, seja pensada como a "mãe" das feministas dos anos 60/70. A mística feminina de que ela fala é uma especificidade coletiva e cotidiana das mulheres americanas, mães de família, ainda que profissionais, devotadas às suas casas depois de terem substituído, em muitos trabalhos, seus pais, maridos, filhos e irmãos, nas seguidas conjunturas de guerra, principalmente nas que se seguem à Segunda Guerra Mundial. Como jornalista, Betty conheceu, na própria pele, tanto a dor da discriminação às mulheres no mercado de trabalho – ela foi despedida de um emprego por estar grávida – como a da violência doméstica por parte do marido de quem se divorciou, algo que passa a denunciar publicamente. O tempo e hoje, essa mística tem servido de impedimentos de saída das mulheres para o espaço público; a igualdade de direitos de homens e mulheres ameaça a estabilidade do lar que, em muitas culturas, é de responsabilidade feminina: a liberdade plena das mulheres implica mudanças daquela experimentada pelos homens. Todavia, eis o paradoxo: os orçamentos familiares, cada vez mais, dependem de contribuições femininas. Então, o trabalho feminino fora do lar, se apressa e se propaga. Isso está em toda a parte.



AS TESES DE BETTY FRIEDAN (NA FOTO, LIDERANDO EM 1971) REPERCUTIRAM ENTRE NÓS, MAS ASSENTADAS NUM CHÃO HISTÓRICO QUE LEVOU MUITAS MULHERES A TRATAR DE QUESTÕES FEMININAS "ESPECÍFICAS".

quem e se expressa em trabalho de tempo parcial – de que tantas de nós temos desfrutado como uma benesse, por permitir a conciliação de tarefas da casa com as do mercado – e em reduções de salário aceitas e associadas a outras "singularidades" femininas como escolhas de carreiras menos exigentes em tempo e dedicação, de reduzida exposição pública e, até mesmo, invisíveis – como assessorias e atividades análogas –, que ocultam talentos femininos. Há mais complicadores. Em livro recente – recomendando suas leituras – Susan Falshaw fala do *backlash* (*Backlash*, Rio de Janeiro: Rocco, 2001), um movimento de recuo dos feminismos nos EUA, agora amplamente partilhado pelas próprias mulheres que, sob as prescrições neoliberais e diante da redução das estruturas públicas de proteção social, se vêem compelidas a retomar velhas responsabilidades domésticas. O antigo imaginário sobre mães da família, isto marcando nos EUA, se atualiza e se propaga. Isso está em toda a parte.



Necessário, o, a mídia, masculina, procurou reduzir e ridicularizar o feminismo divulgando-o como um movimento de mulheres mal-amadas. Qual é a atualidade atual da mídia em relação ao movimento das mulheres?

Mística Feminista e Betty Friedan só chegaram ao Brasil em 1973, por intermédio da Rose Marie Muraro (tradutora do livro publicado pela Vozer). O desbuche à figura de Betty Friedan e a seu pensamento está num episódio patrocinado pelo *Parasim*, num quadro de muitas imprecisões das esperanças brasileiras sobre o próprio feminismo. Na conjuntura, predominava a orientação de mu-

lheres associadas ao Centro da Mulher Brasileira (CMB), militantes e simpatizantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) – muitas delas, por afinidades ideológicas, solidárias com a orientação setas jornal –, num momento em que as pausas de lutas contra a ditadura e a favor das consideradas "grandes causas" políticas se impunham e, ao mesmo tempo, desqualificavam inúmeras questões femininas em debate, sobretudo as das leis autorizadoras do aborto, aprovadas nesse ano no EUA. Essas tentativas promovem uma grande *disparagem*, marca dos feminismos brasileiros que se seguirão. As correntes sexistas – associe-me a uma delas, nas lutas por saúde reprodutiva – marcarão novas tendências feministas dos anos 80. Só à Betty Friedan nos anos 90. Dêria, pois, que suas teses podem ter repercutido entre nós, mas assentadas num chão histórico que, com elas ou sem elas, impulsionou muitas mulheres a tratarem de questões femininas "específicas". Acho que a mídia do Brasil e do resto do mundo mudou muito e sabe distinguir a contribuição dos muitos feminismos na busca de felicidade ou de um mundo melhor. As mal-amadas são coisas do passado.

Uma das reações contrárias ao feminismo foi dar à mulher oportunista crecenes de *gênero material* com a exposição do próprio corpo e com o mercado do sexo. A Bra, concorda com essa afirmação?

A exposição dos corpos vem de longe, basta olhar os andares com belas e eróticas figuras femininas do *Almanack Loosmeyer*, nos números editados no Rio de Janeiro no início do século XX. Hoje, os corpos masculinos também conhecem crescente exposição.

## ENTREVISTA SUELY GOMES COSTA

Em 1963, Betty Friedan publicava *Mística feminina* nos Estados Unidos, denunciando a frustração das mulheres obrigadas pela convenção social a ancorar entre a família e a carreira. A morte de Friedan, em 4 de fevereiro último, foi insistentemente noticiada no Brasil e também no exterior. O que isso revela? A mística feminina ainda é forte em nossa sociedade?

Penso que ainda é cedo para avaliar-se o sentido dessas tímidas manifestações da imprensa sobre a relevância de Betty Friedan para os destinos dos feminismos. Em lugar algum, os feminismos – sempre plurais e nunca homogêneos – são unânimes quanto ao julgamento de sua história, de suas próprias trajetórias e as de suas protagonistas. Movimentos feministas mais radicais, de outrora e de hoje, opõem homens e mulheres; por isso mesmo, aviziam Betty Friedan como traidora da causa feminista, pesando contra ela a tese que é sua marca: a de defesa de uma relação homem e mulher empenhada na justiça social para ambos, perspectiva com a qual concordo. Essa pluralidade de tendências feministas se inscreve ainda em fundas diferenças culturais; lugares e conjunturas respondem a elas de modo muito diverso. A mística feminina persiste ao lado de mudanças, mas vem sendo restarada em várias culturas, mesmo na americana. Não sei ainda se essa timidez do noticiário sobre sua morte no Brasil é fruto de decoro dessas conjunturas. Acho que neste ano ficamos todos e todas um pouco mais pobres e mais tristes com essa perda.



Feministas do mundo inteiro propagaram o slogan "meu corpo meu pertence", mas a serviço de conquistas de direitos reprodutivos e sexuais, traduzidos no direito ao aborto, ao controle do tamanho de sua próle, ao direito de praxer sexual, ao respeito a suas opções sexuais, enfim no direito de decidir sobre seus corpos e suas necessidades, no âmbito da sexualidade regulada, que sempre, fora da sua vontade. Pensa que o uso do corpo - masculino e feminino - como mercadoria não decorre desse slogan, mesmo que possa e que se referir. O problema diz respeito às relações mercantis que, nesse nosso tempo, se apropriam de tudo como mercadoria, inclusive dos corpos e de suas imagens. Particularmente, nessa perspectiva, defendo o direito de mulheres e homens usarem seu corpo do jeito que desejam. Não tenho nada contra.

O crescimento da presença feminina nesse mercado significa um retrocesso para o movimento feminista? Em que estágio encontramos esse movimento e a própria consciência feminista?

Não sinto retrocessos nos movimentos feministas. Hoje, elas são menos ruidosas e muito mais competentes, organizam-se em vastíssimas redes nacionais e internacionais e alcançam resultados tangíveis em todas as partes do mundo. A presença feminina e também a masculina são marcantes nesse mercado, mas neutro, trata-se de um fenômeno de outra natureza. Sinceramente, não sei como andam esse crescimento e seus impactos sobre a felicidade humana... Corpos não devem nos preocupar e sim os corpos mortos de fome e de males evitáveis... Sei que estamos numa era de desperdício, inclusive de imagens, em que tudo se engosta e se torna sucata... Os movimentos feministas são muitos e se redifinem a cada tempo, como disse, e a favor, conta e muito pelo contrário a essas tendências; lamento que muitos estejam dedicados em ONGs de muitos feitos e serviços... O processo de tomada de consciência feminista tem avançado muito, sobretudo com os estudos de gênero. Pessoalmente, esta presença feminina nos meios de comunicação não me incomoda; vejo nela muitos significados, mas acho que precisamos conhecê-los melhor, por isso, não saberia pensar com a necessária precisão, sobre os rumos civilizadores que estão sendo.

Em síntese, quais são as principais reivindicações feministas no atualidade? Que outras já foram conquistadas ou parcialmente conquistadas?

Variam conforme as regiões do mundo. Os movimentos feministas estão submetidos às condições sociais de existência das mulheres: alguns se ocupam, no momento, de 80 milhões de mulheres de algumas regiões da África, da Malásia e da Indonésia que estão sendo atingidas pela mutilação ritual do clitoris, prática que elimina o prazer sexual e é garantia de casamento... Outros denunciam e estão exigindo a abolição do traje islâmico, com a obrigatoriedade da *burka* imposta pelo Talibã às mulheres do Afeganistão e que, sob esse domínio, se estende a outras áreas, caso do Paquistão onde o traje não é usado... Entre nós, ocupando, de novo a pauta de lutas feministas, estão as restrições



absurdas ao aborto, tanto em caso de feto anencéfalo (sem cérebro) como na gravidez por estupro. Conquistamos muitas coisas: acesso à educação, à saúde, à cultura, ao voto, à visibilidade intelectual e artística, ao trabalho, ao divórcio, ao controle da fecundidade, à licença parental e ocorre em diferentes tempos e lugares, sendo largamente exercido no Brasil. As manifestações de indignação da mídia são sempre bem vindas, mas o grau de confrontamentos impatados a mulheres com fundas dificuldades mentais deve ser repensado, pois parece contribuir com o agravamento dos males psíquicos que produzem esses assustadores, mantendo ocultas as causas de enfermidades mentais passíveis de serem desencadeadas pela maternidade. ■

em mundo perversamente dividido em classes sociais; somos desiguais em direitos de país para país... Os empregos femininos tendem a ser de tempo parcial, como de dolo, obrigando-nos a uma dupla jornada de trabalho; nem sempre contamos com os companheiros no desempenho do trabalho doméstico; ou do neoliberalismo, temos reduzidas possibilidades de contar com estruturas adequadas de proteção social; os salários femininos são inferiores aos masculinos. Isso se agrava quando as mulheres são pobres, negras, mestiças, feias, gordas e velhas. Persistem limitações (culturais) quanto à ocupação de certas posições de comando por mulheres; dois exemplos são emblemáticos: a Igreja Católica que impede o pleno exercício religioso; a representação política é pequena, daí o regime de quotas partidárias por toda parte... A culpa do dia leve leva as mulheres a grandes sofrimentos e imensos gastos com a engenharia dos corpos e cosméticos.

Como a Srª avalia a atitude das mães nos recentes casos envolvendo atiradores e morte de crianças em Porto Alegre e Belo Horizonte?

A morte intencional de bebês, ser infames, é sempre uma tragédia. Trata-se de crimes, o imaginário social sacraliza a maternidade, por isso, esse tipo de ocorrência tem sempre é avaliada como trabalho de algumas mulheres desordenadas. As mulheres têm todo o direito de não desejarem filhos, mas o abandono com a expectativa de morte da criança, em qualquer circunstância, situa mal conhecido de transtornos mentais relacionados à maternidade indesejada.

Em que direção se desloca o debate sobre a maternidade?

Essa cobertura penaliza mulheres órfãs. Nem sempre avalia as condições mentais responsáveis por tais mortes. O infanticídio é uma velha prática social e ocorre em diferentes tempos e lugares, sendo largamente exercido no Brasil. As manifestações de indignação da mídia são sempre bem vindas, mas o grau de confrontamentos impatados a mulheres com fundas dificuldades mentais deve ser repensado, pois parece contribuir com o agravamento dos males psíquicos que produzem esses assustadores, mantendo ocultas as causas de enfermidades mentais passíveis de serem desencadeadas pela maternidade. ■

## Pré-universitários da UFF buscam reduzir desigualdades e promover justiça social

A PARCERIA com o PROGRAMA DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE, DO MEC, PERMITIU AOS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS DA UFF PROMOVER MELHORES CONDIÇÕES AO TRABALHO JÁ DESENVOLVIDO E, SOBRETUDO, AMPLIAR O INGRESSO E QUALIFICAR A PERMANÊNCIA DE AFRO-BRASILEIROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.

A Universidade Federal Fluminense vem se dedicando, através da sua Pró-Reitoria de Extensão, ao desenvolvimento de ações e meios que proporcione o acesso da população menos favorecida social e economicamente às universidades públicas. Denominados como Pré-universitários UFF, esses projetos são efetivamente realizados pelos Núcleos *Oficina do Saber* e *Laboratório de Práticas Sociais* que, ao envolver 60 alunos de graduação da universidade já atenderam, na qualidade de alunos-mestres, a um público de 1.200 jovens e adultos, durante seus seis anos de funcionamento.

Na etapa atual, em parceria com o Programa Diversidade na Universidade, do MEC, o Projeto *Pré-Universitário para Afro-Brasileiros* visa a orientar jovens e adultos afrodescentes e/ou de pouco poder aquisitivo, oriundos de escolas públicas, para o processo de seleção de acesso ao ensino superior. A metodologia utilizada busca desenvolver um processo de ensino-aprendizagem integrador dos conteúdos das disciplinas "tradicionais" às atividades culturais, colaborando para o exercício da cidadania, o anti-racismo e a construção de valores éticos de socialidade. Sob o ponto de vista dos professores, o projeto tem o objetivo de propiciar a esses alunos-mestres, dos cursos de licenciatura da UFF, a vivência do trabalho pedagógico aliada à reflexão crítica do processo de exclusão vivido por grande parte da população, buscando instilar experiências de formação científica e habilitação profissional alinhadas aos compromissos e responsabilidades sociais. Esta vivência junta às camadas populares é uma

forma de influir na formação desses estudantes, disponibilizando espaço para prática de suas futuras profissões e uma vivência pedagógica fundamentada na solidariedade e em valores éticos fundamentais. Segundo o Coordenador Geral do Projeto, Professor José Nilton de Sousa, o Projeto Pré-universitário nasceu de uma constatação de que existe em nossa sociedade um exatado de afrodescentes que, ao concorrerem a uma vaga nas IPES (Instituições Públicas de

**"UMA PREOCUPAÇÃO DO PROJETO É SER EFETIVAMENTE UM CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO E NÃO UM CURSO PRÉ-VESTIBULAR: DEVE SE DIFERENCIAR DOS CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES, NÃO APENAS NO NOME, MAS NA ESSÊNCIA DOS PRINCÍPIOS E PROPÓSITOS EDUCACIONAIS DE RELEVÂNCIA À QUE SE PROPÕE".**

Ensino Superior), encontram-se em condições de desvantagem por serem egressos de escolas da Rede Pública de Ensino, que há algum tempo vêm sofrendo com falta de investimento por parte do governo. O projeto, assim, procura diminuir esta realidade de desigualdade vivida por grande parte da população, buscando em decorrência do maior justiça social. Apesar de reconhecerem não ser uma tarefa simples, dos docentes e funcionários

que objetivam uma educação de qualidade para todos, uma sociedade mais justa, mais solidária, oferecer à comunidade, da melhor forma, seu potencial para atender a sua demanda - afirma o Professor José Nilton... Entre as preocupações do projeto estão: a complementação dos conhecimentos adquiridos no ensino médio, de forma a ampliar as condições de acesso e permanência à educação superior; ser efetivamente um curso pré-universitário e não um curso pré-vestibular; deve se diferenciar dos cursinhos pré-vestibulares, não apenas no nome, mas na essência dos princípios e propósitos educacionais de relevância à que se propõe; ser instrumento de inclusão social; ser uma opção para a prática pedagógica dos alunos-mestres das diferentes licenciaturas da UFF; que poderão atuar em consonância com o Projeto Pedagogia do Curso, seus princípios e finalidades; servir de base experimental para novos recursos educacionais, metodologias e projetos de ensino criativos, cumprindo um dos papéis da universidade de experimentar sob controle em pequenas escalas, avaliar, reformular e disponibilizar para toda a sociedade os benefícios da pesquisa por resultados; contribuir para o enriquecimento cultural e enriquecimento da formação geral do aluno, fatores estes que são significativos para uma melhor inserção nos diferentes ambientes de trabalho, qualquer que venha a ser a sua trajetória profissional; continuar o seu efeito multiplicador de ações semelhantes, dentro ou fora da UFF, visando um universo muito maior de alunos em situação semelhantes, no Estado do Rio de Janeiro. ■

## Filmes alternativos estimulam discussão em salas de aula

PROJETO UTILIZA FILMES COMO RECURSO PEDAGÓGICO, BUSCANDO Atingir OS ESTUDANTES ATRÁVES DA ESTÉTICA E DA DISCUSSÃO DE TEMAS POUCO COMUNS. TAMBÉM PROCURA METODOLOGIAS ALTERNATIVAS E A ABERTURA DE HORIZONTES PARA UM ALUNADO HISTORICAMENTE ALIADO DE UMA VIDA CULTURAL MAIS ATIVA.



As professoras Maria Luiza Tambellini, Luis Veloso e Rita de Cássia Freitas

Em linhas gerais, como é desenvolvido este trabalho no meio acadêmico?

**Laís** – Nas salas de aula de pessoas do projeto, os filmes fazem parte do conteúdo das disciplinas. Os filmes tratam de temas correlatos às disciplinas, e ainda do que chamamos de temas *proscritos*, envolvendo discussões sobre drogas, sexualidade, criminalidade, coisas que ninguém quer falar mas que, na verdade, estão sempre presentes na prática do serviço social: nos relatos de família que chegam aos profissionais.

**Maria Luiza** – Todas as nossas disciplinas são capazes de acolher algum tipo de debate através de um filme. Atualmente, criamos um *link* entre o cinema e as práticas de serviço social, através de uma disciplina obrigatória na UERJ chamada Práticas Sociais em Cenas de Cinema. Garimpamos filmes que mostram atitudes de assistentes sociais, uma coisa inédita e que traz muitas oportunidades de discussão.

**Rita** – O fundamental é que o projeto surge buscando uma metodologia alternativa para sala de aula, este foi o ponto inicial. E com a perspectiva de busca do diálogo com outros saberes. Essas conversas transdisciplinares foram fundamentais no início e deram o tom. Depois, com os filmes, foram chamadas para

a sala pessoas de diferentes áreas, psicologia, sociologia, antropologia, trazendo diferentes olhares para o público do serviço social. A discussão de filmes que envolvem relações familiares muito conturbadas são importantes para nossas alunas e alunos, que precisam entender como é que se discute essas questões.

**E as atividades do circuito comunitário?**

**Laís** – Eu desenvolvo um recorte do projeto junto a uma escolhinha de surf. Passamos filmes para alguns pobres dessa escola, que não têm acesso a cinema, sobre surf e surfistas, e fazemos uma oficina para recuperar a memória histórica do surf no mundo para essas crianças que não têm, não vão a cinema, são alunos da rede pública.

**Maria Luiza** – No circuito comunitário, temos um trabalho com um movimento jovem do bairro do Cambú, que visa fazer uma reestruturação do bairro, como se fosse um novo plano diretor para aquela área do Rio de Janeiro. Já fizemos exibição de filme em área pública, inclusive com discussão ao final.

**Laís** – No trabalho comunitário, o tema depende do público, se adulto, se estudantes de escolas públicas. Para as crianças do surf eu só passo filmes relacionados ao surf ou ao mundo do mar, do oceano, natureza. O público universitário é um público mais livre, então a gente pode brincar com os temas, mas de maneira geral o projeto é cuidadoso com o que passa.

**Como os temas são trabalhados nas salas de aula?**

**Laís** – São diferentes pontos de vista. Por exemplo, trabalhamos o tema das drogas sob o olhar psicanalítico, antropológico, o olhar histórico, o olhar do próprio usuário, o de



frontes contexto de uso, são maneiras de diversificar olhares e de contextualizar os temas em diferentes lugares.

**Rita** – Isso traz um bom retorno ao aluno. Além de estar vendo filmes que não estão no circuito, tem acesso a outros tipos de filmes. Depois da sessão, a participação se divide em oficinas em cada turma, pois certas sessões são feitas com mais de uma turma reunida. Isso amplia a discussão para além da discussão tradicional.

COMO PROJETO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, O CENAS DE CINEMA FUNCIONA NO QUE FOI CHAMADO DE CIRCUITO ACADÊMICO E NOS CIRCUITOS COMUNITÁRIOS, O QUE FAZ VARIAR A ESCOLHA DOS TEMAS E O TIPO DE DISCUSSÃO DESENVOLVIDA.

**Laís** – Tentamos trazer a discussão da estética para dentro do mundo das racionalidades científicas. No curso de Serviço Social trabalhamos muito com uma discussão mais ética, mas racional, enquanto o campo estético é mais libertário.

**Rita** – Reconhecer a si própria em algumas situações, se colocar mais.

**Como é feita a escolha de temas considerados "proscritos"?**

**Maria Luiza** – Costumamos escolher temas que em si já são complexos e a própria sociedade não sabe como discutir. Ao invés de a gente dar o viés que se vê na imprensa, de uma discussão sem perspectiva de engajar, nossa proposta é exatamente fazer uma discussão que seja benéfica para a compreensão dessas situações e a atuação sobre elas.

**Laís** – Uma discussão que seja mais periférica, e não o pastello que a mídia e a comunicação são muitas vezes.

**Rita** – Tems surgem a partir das disciplinas também. Trabalhando com gênero, com família, questões como aborto e sexualidade aparecem.



**O que torna um tema "proscrito"?**

**Laís** – A forma que o imaginário social constrói em torno dele. Por exemplo, a droga. Dependendo do contexto em que é colocada, a droga pode ser um objeto de estigmatização, um objeto sagrado, ou objeto de sofrimento. Mas a droga em si seria uma categoria inerte. Essa é uma conversa proscrita, do tipo que procuramos trabalhar, com coisas que não são ditas.

**Além do serviço social, ligase a outras áreas acadêmicas?**

**Maria Luiza** – Queremos fazer parcerias sempre com os espaços que estejam na transdisciplinaridade do projeto. Hoje temos uma parceria com o Centro de Tecnologias Educacionais da UERJ. O Cenas de Cinema recebe a proposta de se configurar como um programa televisivo.

**Laís** – Faz parte das disciplinas dos cursos regulares, e algumas disciplinas são baseadas totalmente tendo os filmes como texto. O filme toca na emoção, e discutimos a partir do reatamento do filme na história de vida de cada um, no exercício profissional, trabalhando com as áreas de interrelação das pessoas, vendo como cada uma reage, apossando um espaço de acolhimento e reflexão na sala de aula.

**Rita** – O projeto começa a virar uma referência. Na UFF, o Cenas de Cinema associou-se ao Projeto Trocando Ideias (do NPHPS-Núcleo de Pesquisa História sobre Proteção Social), que atua no HUAP. Já há dois filmes programados para 2006, que vão discutir a saúde. ■

## CIDADANIA

### IDOSOS



# Projeto estimula participação de maiores de 55 anos

INCENTIVAR A PARTICIPAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DE IDOSOS PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA É O OBJETIVO DO PROJETO DE EXTENSÃO "UFF ESPAÇO AVANÇADO – TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS; PROCESSOS PARTICIPATIVOS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA", DESENVOLVIDO PELA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DESTA UNIVERSIDADE EM PARCERIA COM A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE GERONTOLOGIA, O FÓRUM DE DEFESA DA POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO – RJ E A PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI / PROGRAMA VIVA IDOSO. PARTICIPAM DAS ATIVIDADES APOSENTADOS DA UFF E FAMILIARES; PESSOAS ACIMA DE 55 ANOS, MORADORES DE NITERÓI E ADJACÊNCIAS; PESSOAS ENCAMIADAS PELO AMBULATÓRIO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ANTONIO PEDRO; IDOSOS ENCAMIADOS POR INSTITUIÇÕES, CLÍNICAS OU ENTIDADES, EM ESPECIAL, ORIUNDOS DO SISTEMA SUS DOS MUNICÍPIOS DE NITERÓI E REGIÕES ADJACENTES.

O Programa, coordenado pela Profa. Dra. Beatriz Pisto Venâncio, da ESN, reúne diversas equipes (Serviço Social, Psicologia, Educação Física, Letras, Nutrição, Arte e Dança) que organizam as atividades em oficinas permanentes, cursos, encontros, debates, vistas e acompanhamentos individuais. Cada equipe, além da participação nos eventos coletivos do programa, possui um cronograma de atividades com a inserção de alunos de graduação (estágio curricular, pós-graduação e voluntários). Este procedimento tem permitido aos estudantes uma aproximação com a realidade social e incentivado a pesquisa de novas alternativas para os trabalhos sociais com a população idosa. O registro deste processo pode ser percebido pelos diversos trabalhos apresentados em congressos e encontros, monografias de conclusão de curso, artigos, além de três teses de doutorado defendidas recentemente.

O UFF Espaço Avançado (UFESPA) foi um dos primeiros programas, em Niterói, que se dedicou à população idosa e às questões do envelhecimento. Neste sentido, a Universidade Federal Fluminense abre caminhos e provoca a atenção de autoridades e outras instituições para a temática. Passados 11 anos de sua criação, contamos, atualmente, em Niterói, com inúmeros projetos e centros de convivência para idosos. Durante este período, o Programa esteve aberto para socializar o conhecimento e a experiência acumulados, participando da organização de encontros e colóquios para a divulgação e

troca de experiências. Hoje, o Programa tem reconhecimento nacional, seja por suas parcerias informais seja pela participação dos professores e alunos, envolvidos no Programa, em Congressos e Encontros Nacionais – avalia a Profa. Beatriz Venâncio.

Além disso, o UFESPA é integrante do Núcleo de Estudos e de Pesquisas em Política Pública, Poder Local e Serviço Social – NUPESP, formalmente registrado nos órgãos superiores da UFF, CNPq e FAPERJ. O programa também recebe alunos de Escolas Municipais de Niterói e São Gonçalo, encaminhados por professores, para produzirem trabalhos sobre o tema do envelhecimento e a sociedade brasileira.

As propostas das oficinas têm como eixo norteador a discussão dos direitos da pessoa idosa e o exercício da cidadania. Esta prática tem levado a uma organização dos idosos nos seus fóruns de representação. As oficinas abrangem a área da cultura, com produções teatrais, artes plásticas, música e dança. A área de educação é contemplada com cursos de língua e oficina de teclado. A saúde estende-se nas atividades físicas (oficina de prevenção de quedas, alongamentos, ginástica). Com esta configuração, o projeto pretende possibilitar processos participativos de reflexão, debates e ação sobre as questões sociais e do cotidiano que se relacionam com os idosos participantes ou que envolvam o envelhecimento humano nas diferentes situações sociais e com o enfrentamento da realidade. Além disso, tem os seguintes



objetivos específicos: analisar as políticas sociais e as questões relacionadas ao envelhecimento da população brasileira; identificar e problematizar a participação social e os processos de exclusão/inclusão nos serviços ou programas públicos ou privados para idosos de Niterói e entorno; facilitar aprendizados, capacitação e trocas de experiências entre a equipe e participantes na perspectiva da organização social e política dos idosos frente aos direitos sociais; atuar em projetos, trabalhos e atividades na melhoria da qualidade de vida e do desempenho individual e coletivo dos participantes.

Entre as metas do projeto para este novo período (janeiro de 2006 a dezembro de 2007) estão: o aumento da media de participação dos idosos para 300 (atualmente são 250); aumentar também a representatividade; hoje, o Programa conta com dois representantes dos idosos nos Fórum de Defesa da Política Nacional do Idoso – RJ, além da participação de outros idosos como ouvintes; aumentar de 15 para 20 as oficinas permanentes com atividades diferenciadas, contemplando o cotidiano, a reflexão sobre questões do cotidiano, o bem-estar físico e emocional e a participação social.

Para 2006 já está programada a oficina de inclusão digital. Já recebemos uma doação de seis computadores do Banco do Brasil, e a Escola de Serviço Social está disponibilizando e adaptando uma sala para a realização desta oficina. Também está programadas a Oficina de Memória Cognitiva e a Oficina de Cidadania – disse a Coordenadora.

Outras metas previstas são a publicação de uma revista comunitária dos 12 anos de UFESPA, contendo o perfil dos idosos participantes, artigos da equipe de professores, pesquisadores, alunos de graduação e idosos participantes do programa; a criação, execução e distribuição do jornal *O Avançado*, contendo artigos da equipe e dos participantes do programa, as produções de textos e poesias geradas nas oficinas; e a criação de um livro de memórias dos idosos.

## Dia oito de março: Dia Internacional das Mulheres

Rita Freitas

Professora da Escola de Serviço Social/UFF

São vários os comentários que já ouvi acerca deste dia. Uma reflexão comum é que todos os dias deviam ser dias das mulheres e não apenas um dentre trezentos e sessenta e cinco dias. Um outro argumento comum é que, se há um dia das mulheres, deveria haver um dia para os homens. Concordo em parte com cada uma dessas reflexões. E concordo que todos os dias deviam ser dias das mulheres - e, portanto, dos homens também. Dia de nos encontrarmos, dia de passear juntos, de viver a grande aventura que é a vida humana. Contudo, quando penso no número de mulheres vítimas de violência dentro de suas próprias casas, comidas por aqueles a quem jamais imaginariamos capazes de semelhantes atos; quando penso que continuamos ganhando menos e que a chamada segunda, terceira e quarta jornadas continuam a fazer parte de nosso cotidiano; quando penso no grande número de mortes maternas; quando penso no medo da falha que vejo em muitas alunas; nesse pseudo-medo do sucesso que acometeria "naturalmente" às mulheres; quando penso na educação diferenciada que continuamos a dar para nossas crianças (e tento outras desigualdades, impossíveis de elencá-las todas aqui); penso que ainda é urgente e necessário termos, ou melhor, continuarmos a ter um dia dedicado às mulheres. Não para ratificar as diferenças, mas para dar visibilidade às desigualdades que nos deparamos e muitas vezes olhamos de uma forma tão banalizada. São necessárias ações desiguais para que possamos construir um mundo menos desigual - sem que com isso tenhamos que abandonar as diferenças, essas sim extremamente salutares. Relembro aqui das palavras das há tanto tempo atrás por Virginia Woolf: na verdade, continuamos perdendo um enorme potencial de energia humana quando percebemos que mais de cinquenta por cento da humanidade ainda não conseguiu desenvolver todas as suas capacidades. Assim, este dia oito de março - nesse ano como em outros - é um ótimo momento de ímpeto para as ruas e falamos de nossos cotidianos, de nossos desejos e interesses. É um momento onde devemos buscar não a chamada (e nada glamorosa) "guerra dos sexos", mas o estabelecimento de um diálogo menos autoritário com nossos parceiros, com nossos filhos, nossos amigos e familiares, mas também conosco mesmo. Que tipo de futuro estamos construindo para nós e aqueles a quem amamos? Esse oito de março é dia de mostrarmos as diferenças, mas é dia também de colocarmos uma melhor relação com nossos homens (e mulheres), dia de girarmos o que necessitamos e cobramos a construção de um Estado que atenda nossas necessidades e nos possibilite exercer de forma plena a nossa existência de mulheres livres, diferentes, mas, acima de tudo, cidadãs que têm seus direitos respeitados. Os direitos, a cidadania, a democracia não podem ser completos sem a participação das mulheres.

# Aldementos Salineiros

Boa parte das salinas ao redor da Lagoa de Araramá tem aldeamentos implantados. Muitas delas ainda produzem sal, outras tantas estão abandonadas e estão aos poucos sendo reconvertidas para loteamentos e condomínios de veraneio. Dentro desse abrangente universo de pesquisa, três exemplos foram escolhidos para o desenvolvimento do projeto de pesquisa *Paisagem Vernacular - Aldementos Salineiros*: a Salina Vigilante (a mais meridional da América); aldeamentos das Salinas Pitanguiñas e Fluminense (Pernambuco), que são vizinhos, e o aldeamento da Salina Monte Alto.

O objetivo da pesquisa é de realizar um ensaio fotográfico das Paisagens Vernaculares da Região dos Lagos Fluminense, começando pelos aldeamentos salineiros, traçando o seu perfil e discutindo teoricamente a fotografia enquanto meio de expressão artística e de informação científica. A partir deste ensaio se pretende estudar as concepções que configuraram os modelos e padrões da paisagem litorânea, elaborar uma reflexão comparativa entre as paisagens tradicionais e as novas paisagens da globalização e aprofundar-se nos campos teórico-conceituais de investigação sobre a paisagem enquanto objeto de expressão artística e nas relações entre ciência e arte.

Segundo o Professor Werther Holzer, Coordenador da pesquisa, esses assentamentos tradicionais sempre foram motivo para os mais



Torques, armazém e passadouro de um complexo salineiro

diversos meios de expressão artística: pinturas e desenhos, fotografias, locações e cenários de produções cinematográficas e de televisão, escultura. No entanto poucas vezes esta arquitetura singela foi vista como um meio de expressão artística, muito menos as interferências que o homem produz na paisagem.

"A interferência na natureza, em alguns casos, principalmente nos de jardins, pode ganhar o status de obra de arte. Para citar alguns exemplos: os jardins de Versalhes, Jardins Japoneses, as obras de Berle Marx. Nossa questão é: se podemos ver jardins destes artefatos humanos que servem como abrigo ou como jardins como obras de arte, porque outros são relegados a simples arrastões sem nenhuma expressão artística?" – questionam os pesquisadores.

— Para encaminhar esta questão elegemos um recorte do território



Índice da construção de um condomínio sobre uma salina abandonada. A obra foi embargada

POUCAS VEZES ESTA  
ARQUITETURA SINGELA  
É VISTA COMO UM MEIO  
DE EXPRESSÃO  
ARTÍSTICA, MUITO MENOS  
AS INTERFERÊNCIAS  
QUE O HOMEM PRODUZ  
NA PAISAGEM

do Estado do Rio de Janeiro para fazer nosso estado de caso. Entre as muitas paisagens e arquiteturas vernaculares deste território, nos chamou a atenção a paisagem das salinas – comenta Holzer.

O entorno da Lagoa de Araramá, que tem a segunda maior salinidade do mundo, foi ocupado compreensivelmente há pelo menos 4.500 anos antes do presente, como indicam os artefatos das pré-cerâmicas que extraíram seu sustento do rico habitat proporcionado pela interação entre a Mata Atlântica e a Restinga. Testemunhos desta ocupação ainda podem ser encontrados em toda a região, assim como de outras atividades econômicas subsequentes, que garantiram o sustento e a ocupação do território pelo ocupante eterno. Das áreas mais produtivas da Mata Atlântica extraía-se o pau-brasil, plântou-se cana-de-açúcar, depois café, depois laranja. Na restinga, menos produtiva, vivia-se da pesca e da criação de gado. Em ambos os casos estas atividades tradicionais deram lugar depois à terra nua, reservada às atividades de especulação imobiliária voltada para o turismo e ao veraneio.

"Na Lagoa de Araramá, como nos informa Lamego (1946), os índios extraíram o sal utilizando-se de um método rudimentar: arrim



As residências localizam-se de fundos para o mar e à vegetação da restinga, que é preservada para protegê-las dos ventos marinhos e da salinidade

um poço (cacimba) junto à linha d'água, quando a cacimba se enche, e a água se tornava uma salmoura grossa, seu produto era transportado para outras cacimbas mais afastadas, onde terminava o processo de cristalização (Giffoni, 1999)."

Os portugueses já mencionam a existência do sal na região em 1587. Em 1630, Portugal decretou o monopólio do sal, proibindo sua produção comercialização. Sua extração foi proibida até 1759, quando a Coroa concedeu permissão para exploração de sal para quem pudesse construir salinas. A técnica de exploração portuguesa era a mesma dos indígenas, o sal era decantado em cacimbas (Giffoni, 1999).

"O processo de produção só foi modificado em 1822, quando Pedro I autorizou Luís Lindenberg a construir uma salina (que ainda

existe com o nome de Perinas). Como era engenheiro, a salina foi construída segundo as técnicas mais avançadas, que deram ao entorno da Lagoa de Araramá as feições paisagísticas que hoje podemos observar. Bombas, por meio de canais, levavam a água aos tanques, que eram separados com ripas de madeira e impermeabilizados com taboagem (Giffoni, 1999). A única alteração técnica importante, implementada no início do século XX, foi a substituição do antigo sistema de bombas, movidas a energia humana ou animal, por motores de vento norte-americanos (Lamego, 1946). Esta alteração técnica novamente altera a paisagem, pois até hoje o que identifica a Região dos Lagos são estes moinhos de vento."

Atualmente, a produção de sal na Lagoa de Araramá conta com a presença de grandes salineiros juntamente com pequenas famílias que ainda vivem da extração do sal. O método de extração do sal, apesar das mudanças tecnológicas quanto ao refino ou transformação em outros produtos, continua inalterado desde o final do século XIX.

Também as salinas foram atingidas pela voragem da especulação imobiliária, grandes extensões da restinga foram parceladas e vendidas em lotes para a construção de residências de final de semana. Este é o principal motivo desta pesquisa: procurar manter viva uma paisagem e uma arquitetura vernacular que consideramos como uma forma de expressão artística. Tanto a paisagem quanto as edificações, consideradas aqui como os prófios e as próprias salinas, são reliquias que expressam mais do que o modo de vida dos que ali habitavam. Elas expressam o modo como estas pessoas pensavam, como se relacionavam com o seu mundo, como se comunicavam entre si e com outros assentamentos – conclui. ■



Alguns dos moinhos de vento que ainda hoje identificam a Região dos Lagos

EM 1822, PEDRO I AUTORIZOU  
CONSTRUIR UMA SALINA, QUE COM AS  
SEGUINTES DERAM AO ENTORNO DA  
LAGOA DE ARARAMÁ AS FEIÇÕES  
PAISAGÍSTICAS ATUAIS

## Maternidades Precoces: Direitos Reprodutivos e Sexuais

Dagmar Barbosa

Acadêmica de Serviço Social/UFF

Quando falamos de gravídes precoces na sociedade em que vivemos referimo-nos na maioria das vezes a uma classe social específica, que tem condições socioeconômicas desfavoráveis e determinantes, raça e etnia diferentes da classe dominante.

Verificar o aumento das taxas de fecundidade entre adolescentes de famílias em especial íno do Rio de Janeiro denuncia desigualdades que levam o princípio da Proteção Integral à criança e ao adolescente e legitima uma ordem de desproteção social, que se cumpre e se perpetua através da não democratização de informações. Não se pode esperar escolhas conscientes quando ainda nesta sociedade informação é poder e instrumento pelo qual se faz naturalizar a exclusão.

A dificuldade de acesso às informações referentes a sexo e métodos contraceptivos faz engrossar os números que apontam o crescimento de mães cada vez mais jovens; de adolescentes contaminadas por DST/AIDS e de mortalidade materna por abortamento. Meninas se tomam estatísticas todas de mais. O reconhecimento de que estas meninas trazem demandas do campo da saúde sexual e reprodutiva é imprescindível para a ampliação e a garantia dos direitos de cidadania dessas adolescentes.

Trabalhar sexualidade com adolescentes neste século exige dos profissionais da saúde práticas que atendam às demandas localizadas no cotidiano, no espaço íntimo, cenário no qual se desenrola as manifestações da sexualidade de meninas e meninas. A gravidez precoce demanda do Estado, Políticas Públicas de Atenção Integral à Saúde dessas jovens e serviços de assistência reprodutiva que priorizem o atendimento com base na informação, forma pela qual se favorece a consolidação da cidadania e da democracia.

Costumariamente as meninas são culpabilizadas por gravídes precoces e todos os programas de atenção ao sexo se destinam ao público feminino. A responsabilidade com a procriação e a forma de regulá-la e evitá-la é ditada pela sua apurados, isto acontece com mulheres jovens e adultas. O masculino fica separado da responsabilidade com a reprodução/contracepção. Homens adultos que reproduzem representações e práticas que localizam a mulher enquanto única responsável por sua prole e tudo o mais que lhe diz respeito, foram adolescentes incluídos numa lógica histórica de longa duração que institui papéis sociais com funções e encargos desiguais. Pensar gravídes precoces requer a necessidade de se reforçar programas que enfoquem o masculino, se pensarmos só em políticas públicas que atendam demandas de mães jovens estamos repetindo e legitimando a desigualdade entre os sexos, e em nada estaremos contribuindo para uma tomada de consciência de gênero.

Reflexões sobre o Rio de Janeiro exercido da maternidade precoce que é para jovens em situação de vulnerabilidade social denunciam um Estado que tutela mulheres e não as emancipa. A maternidade em qualquer idade deve partir de um desejo consciente e totalmente voluntário. Deve-se partir da premissa de que escolhas conscientes exigem informação.

## Notas

O Núcleo de Pesquisa Histórica sobre Proteção Social (NPHPS) e o Núcleo de Direitos Humanos, Sociais e Cidadania (NUDESC) participam do evento em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, promovido pelo Subsecretariado de Direitos Humanos e Niterói nos dias 8, 9 e 10 de março. Às 9h do dia 8, uma mesa de debates abriu as atividades, na sede dos Núcleos (Campus da UFF no Gragaté, Bloco E, sala 405). Durante os três dias, das 17h às 20h, no Terminal da Órbita João Goulart, Centro de Niterói, estarão armadas tendas com exposições diversas, além de um telão onde serão exibidos filmes de curta metragem. Também haverá shows gratuitos. O NPHPS estará no local produzindo um filme com depoimentos de homens e mulheres.

Foi implantado em janeiro o primeiro Comitê de Equidade no serviço público brasileiro, em Quixadá, Ceará. A implantação desses comitês, constituídos por representantes do executivo municipal e servidores da prefeitura, é recomendada desde 2002 pelo ISP - Internacional do Serviço Público. Segundo a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, pesquisa do ISP, de 2003, mostra o Ceará como segundo estado brasileiro em nível de desigualdade salarial entre homens e mulheres no serviço público: 34% dos homens têm remuneração superior às de mulheres com os mesmos cargos ou atribuições. O primeiro estado é Roraima, com 75%.

A escritora e feminista Rose Marie Muraro foi declarada Patrona do Feminismo Brasileiro. Um Projeto de Lei da deputada Laura Carneiro foi aprovado pelo Congresso e sancionado em 30 de dezembro de 2005 pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Em seu voto, a senadora Iara Bernard destacou: "Foi com o seu ativismo em prol da mulher - mesmo em anos difíceis, de repressão ao livre pensamento, como no ciclo de governos militares que se seguiu ao golpe militar de 64 - que Rose Marie Muraro tornou-se a líder feminista brasileira". No Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), Rose Marie é uma das três conselheiras na condição de "membro comitente das questões de gênero".

Com reuniões semanais, começou a funcionar o Parlamento Fluminense de Políticas para Mulheres, no Estado do Rio de Janeiro. Na audiência pública "Violência contra a Mulher", que instituiu o Parlamento, a ministra da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Nicóla Figueiredo, assinou acordo com 22 municípios do Norte e Noroeste fluminenses, cujas prefeituras se comprometeram a implementar todas as ações previstas no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM). A primeira reunião será neste mês de março em Aperibé, Noroeste do Estado.

## CRIANÇA E ADOLESCENTE CAPACITAÇÃO

## Projeto Formação de Agentes fecha mais uma etapa



Mais um Módulo Institucional do Curso de Formação de Agentes de Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes foi realizado em fins de 2005, desta feita na Região Oeste de Niterói. A segunda fase do curso está prevista para este mês de março, quando se realizará a capacitação de 45 profissionais de organizações públicas e privadas que trabalham com crianças e adolescentes. Este processo deverá subsidiar o fortalecimento do Comitê de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente da RO para a efetiva implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente em sua prática profissional, de forma integrada e participativa com o Sistema de Garantias de Direitos da Criança e do Adolescente.

Este Curso de Extensão é uma das ações desenvolvidas pelo Projeto Formação de Agentes de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, da PROEQUIP e vinculado ao Núcleo de Pesquisa Histórica sobre Proteção Social - NPHPS - e ao Núcleo de Direitos Humanos Sociais e Cidadania - NUDHESAC, da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense/UFF. O

projeto tem apoio da SESU/MEC. Constitui-se em uma iniciativa de democratização, sistematização, articulação, assessoria, capacitação e integração de estudos, ações, pesquisas e projetos, desenvolvidos por entidades, grupos e pessoas na área dos Direitos e Defesa da Criança e do Adolescente no Município de Niterói.

Em Niterói, a capacitação de agentes vem sendo realizada por este projeto da UFF e faz parte das metas do Rede Municipal de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente do município, criada a fim de unificar ações de enfrentamento das violações e violência contra crianças e adolescentes, antes fragmentadas, isoladas e insuficientes. A construção de um sistema de percurias e reconhecimento de ações contribui para a construção de novos paradigmas de intervenção. Estes novos paradigmas exigem capacitação e comprometimento profissional e pessoal, considerados neste curso como pontos de elevação desta construção. As experiências de promoção da interinstitucionalidade e intersetorialidade vêm demonstrando ser im-

NA REGIÃO OCEÂNICA, O CURSO PREPAROU MAIS 45 PROFSSIONAIS DE ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS QUE TRABALHAM COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES, COMO PARTE DO PROJETO DE EXTENSÃO DA UFF

prescindíveis na promoção de políticas públicas eficazes.

O projeto é coordenado pela Prof. Dra. Nívia Valença Barros, da Escola de Serviço Social UFF, e pelo Prof. José Nilton de Souza, do Programa Oficial do Saber UFF. O curso da RO é realizado na Primeira Igreja Batista de Itaipu, tendo ainda apoio da Fundação Eclesiástica da Cunha e da Fundação Gol de Letra. As palestras realizadas trataram dos seguintes temas: panorama geral da violência e indicadores sociais; violência contra a criança e o adolescente; conceitualização e reflexões; a proteção integral e o Estatuto da Criança e do Adolescente; políticas de enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente; orçamento público e o orçamento criança; o impacto sócio-econômico da violência.

